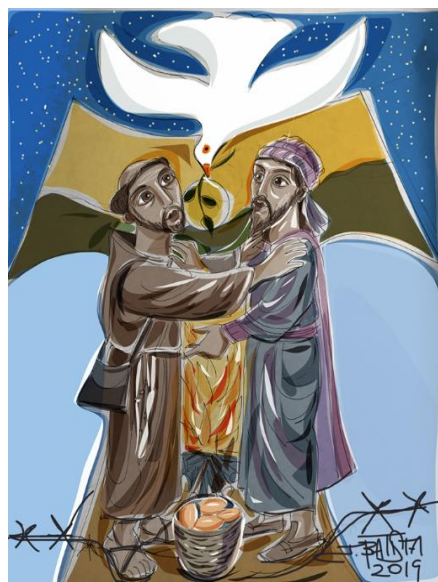


SÃO FRANCISCO DE ASSIS – 2022
PREPARANDO A FESTA COM REFLEXÕES
À LUZ DE FONTES FRANCISCANAS

Tema:
Francisco de Assis,
fazei de nós instrumentos da paz de Cristo
Lema:
Bem-aventurados os que promovem a paz
(Mt 5,9)



INTRODUÇÃO:

“Se você quer paz, prepare-se para a guerra”, é um provérbio em latim (IV ou V século, autor Flávio Vegecio) e quer dizer “paz através da força”, ou com outras palavras: uma sociedade forte senos menos apta a ser atacada por inimigos precisa da força de armas.

Essa mentalidade da antiguidade perpetuou até hoje, e está se enraizando na cabeça de muita gente. De fato, para todo lado presenciamos guerras, guerras civis e violência de todas as formas no mundo afora, e não menos aqui no Brasil. Estamos condenados a ficar neste círculo vicioso do ódio, da retaliação, do olho por olho? Não tem um outro jeito melhor, uma solução verdadeira?

Tem sim! Ela se chama Francisco de Assis, o homem transformado e enviado por Deus a nós para ser “o santo do encontro e da paz”! Eis em suas mãos algumas reflexões em preparação de sua festa, dia 4 de outubro. Deste homem cheio do espírito de Deus queremos aprender algumas lições sobre a arte de encontrar e promover a paz que o mundo não nos pode dar.

As reflexões desejam enriquecer tanto as meditações pessoais, como as celebrações em grupo ou comunitários durante o festejo. Os subtemas e as leituras franciscanas foram escolhidos em harmonia com a Liturgia Diária. Depende da iniciativa de cada um/uma, escolher cantos, ladainha e orações.

É muito desejável que a comunidade de São Francisco ou a família franciscana local façam a encenação do trânsito de São Francisco no dia 03/10, pois ela é próprio da espiritualidade franciscana!

*A todos os cristãos que vivem religiosamente,
clérigos e leigos, homens e mulheres,
a todos os que habitam no mundo universo,
Frei Francisco,
de todos servo e vassalo,
saúda com reverente dedicação e
deseja a verdadeira paz do céu
e sincera caridade no Senhor.
(Carta aos Fiéis)*



Intenção geral:

- pela conversão dos ricos;
- pelos políticos, organismos da Igreja e movimentos populares que lutam pela justiça social no Brasil.

Leitura franciscana:

Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se converteu- em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo (Testamento 1-3).

Reflexão:

Neste domingo comemoramos o Dia da Bíblia. O Deus vivo se comunica com o seu povo e com todas as pessoas que o buscam através das Escrituras Sagradas. Elas narram até os nossos dias, o jeito de Deus ser: amoroso, misericordioso com os pecadores, libertador e defensor dos pobres. Mas, além da Palavra escrita e vivificada pelo Espírito, Deus pode ser percebido também no pobre sofredor, nas pessoas carentes.

A parábola do homem rico que teve uma coração insensível, indiferente ao sofrimento do miserável Lázaro frente à sua porta, chama a nossa atenção para não esperar a presença de Deus num espetáculo milagroso, mas na realidade nua e crua frente a nossa casa.

Foi assim que aconteceu a conversão de Francisco de Assis: ao abraçar os leprosos, que antes lhe causavam amargura e nojo, encontrou o rosto doce de Jesus Cristo. Desde então, o santo de Assis é sinônimo de pobreza e amor pelos pobres. São Boaventura escreve na *Legenda Maior*: “Imbuiu-se desde então do espírito de pobreza, com um profundo sentimento de humildade e uma atitude de profunda compaixão... Agora, desejando alcançar o total desprezo de si mesmo, servia os leprosos com devoção, humildade e benevolência, pois diz o profeta Isaías que Cristo crucificado foi considerado um homem leproso e desprezado...” (Cap I, 6). Até a sua morte, Francisco queria voltar a servir os leprosos e ser desprezado como nos outros tempos (cf. 1 Cel 103).

E nós hoje, que queremos vivenciar a espiritualidade deste santo de Deus?! Como nós, que estamos e somos pobres, que não somos ricos e nem praticamos a ganância, como nós podemos nos converter ao Cristo pobre e abraçar os pobres? Em que consiste uma “vida de penitência” para nós?

Diz uma canção: *Eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor*. A conversão e libertação do pobre aconteceu quando ele não vê mais a vida de cima para baixo, mas na perspectiva horizontal, entre irmãos; quando rompe com o círculo vicioso de esperar as migalhas dos ricos e começa a se solidarizar com os Lázarus, os leprosos, os excluídos. Vamos imaginar que impacto teria isso na sociedade e na política!



Intenção geral:

- pela conversão das pessoas que promovem violência nas suas palavras e atos;
- pelas pessoas que não estão em paz consigo mesmas, com a família ou comunidade.

Leitura franciscana:

Como era bonito, atraente e de aspecto glorioso na inocência de sua vida, na simplicidade das palavras, na pureza de coração, no amor de Deus, na caridade fraterna, na obediência ardorosa, no trato afetuoso, no aspecto angelical! Tinha maneiras simples, era sereno por natureza e de trato amável, muito oportuno quando dava conselhos, sempre fiel a suas obrigações, prudente nos julgamentos, eficiente no trabalho e em tudo cheio de elegância. Serena na inteligência, delicado, sóbrio, contemplativo, constante na oração e fervoroso em todas as coisas. Firme nas resoluções, equilibrado, perseverante e sempre o mesmo. Rápido para perdoar e demorado para se irar, tinha a inteligência pronta, uma memória luminosa, era sutil ao falar, sério em suas opções e sempre simples. Era rigoroso consigo mesmo, paciente com os outros, discreto com todos (1 Tomás de Celano, n. 83).

Reflexão:

“O Senhor vos dê a paz!” Com estas palavras, Francisco de Assis saudava o povo no início de todas as pregações, pois o Senhor mesmo lhe revelou esta forma de saudação (cf. Legenda Maior III, n. 2). Todos nós conhecemos a saudação franciscana “paz e bem”, e a oração “Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz” que não foi escrita por Francisco, mas retrata perfeitamente sua personalidade e espiritualidade.

Falar de Francisco, é falar do homem que se tornou como uma criança, um irmão menor. Foi assim, que “encontrou como um pobre a paz no caminho que lhe fora aberto” (1 Celano, n. 15) e irradiou essa paz de dentro do seu coração para o mundo, a paz e o bem a todas as criaturas. Foi assim, que o menor se tornou o maior de todos os tempos.

Quando Francisco desconhecia ainda o plano divino para sua vida, se demonstrou um instrumento de paz que tratava a todos bem: “Numa ocasião em que os cidadãos de Perugia e os de Assis se viram envolvidos em não pequena desgraça por causa da guerra, Francisco foi preso com muitos outros e sofreu com eles as penúrias... Havia entre os outros prisioneiros um soldado soberbo e insuportável, que todos os outros resolveram desprezar. Mas a paciência de Francisco foi firme. Tolerava o insuportável e conseguiu fazer com que todos voltassem às pazes com ele” (1 Celano, n. 4).

Da mesma forma, bem mais tarde, quando Francisco se encontrou entre os sarracenos visitando o Sultão, fez como Jesus aconselha no Evangelho: Tratar bem também aqueles que embora não caminhem conosco, estão ao nosso favor.

Façamos como Francisco de Assis: ter os olhos na terra, mas o pensamento no céu (1 Celano 41). Peçamos a Deus a graça de nos fazer instrumentos da paz de Cristo, para que muitos que desprezam a paz provocando divisão e polarização, “pela cooperação do Senhor abraçaram a paz de todo o coração, fazendo-se também eles filhos da paz, desejosos de salvação eterna” (1 Celano 23)!

Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos:

“O Senhor te dê a paz”.

(Testamento 23)



Intenção geral:

- pelas pessoas que sofrem por causa de uma tribulação: desemprego, injustiça, doença, discriminação, perseguição, depressão, a morte de uma pessoa querida...

Leitura franciscana:

Levantando-se, depois da oração, com espírito humilde e ânimo contrito, fez o sinal da santa cruz, tomou o livro do altar e o abriu com reverência e temor. A primeira coisa que deparou ao abrir o livro foi a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, no ponto que anunciava as tribulações por que deveria passar... Compreendeu, então, aquele homem cheio de espírito de Deus que deveria entrar no reino de Deus depois de passar por muitas tribulações, muitas angústias e muitas lutas (1 Celano, n. 93).

Reflexão:

“A vida nem sempre é um mar de rosas. Às vezes ela nos derruba, nos machuca, nos despreza. Por quê? Por que ela é assim! A vida não é sempre justa! Uma hora você ganha, outra você perde, assim são as coisas” (Ivanio Lima Martins). Surge, então, uma pergunta inquietante: ‘apesar dos pesares’, ainda que tudo aponte para o contrário, é possível guardar a paz no coração da gente, ou é melhor desejar a morte? “Maldito o dia em que nasci”, se amaldiçoou Jó.

A narrativa deste homem trata de temas que nos atingem: o problema do mal, o sofrimento do justo, o desafio de ter paciência na tribulação. Mas, o tema central é a relação entre o homem e Deus. A religião verdadeira é mistério de fé e graça, e não de retribuição ou comércio. Jesus dá o exemplo por excelência como nos devemos entregar livre e gratuitamente a Deus. Quando estava chegando o tempo de ser levado para o céu – através de sua Paixão e Morte na cruz – mesmo assim tomou a firme decisão de partir para Jerusalém (Evangelho).

Francisco sabia que as grandes coisas se constroem a duras penas. Recomeçando sempre, retomando, cada manhã, a caminhada como se fosse o primeiro instante do chamado e da inspiração. E não é nos triunfos que a graça de Deus transparece mais claramente, senão na pequenez. Essa convicção marcou a fé de Francisco até nos momentos mais difíceis: Quando tinha perdido a vista e as forças físicas, acrescentou no Cântico do Irmão Sol essa estrofe: *Louvado sejas, meu Senhor, pelos que suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados os que as sustentam em paz, que por ti, Altíssimo, serão coroados.*

Eis aqui duas indicações como podemos guardar a paz, apesar dos pesares: Primeiro, meditar, nas Escrituras Sagradas, o testemunho daqueles que ficaram fiéis a Deus mesmo nas tribulações – principalmente a pessoa de Jesus Cristo. – Segundo, contemplar testemunhos contemporâneos: deficientes físicos, pessoas da terceira idade, dependentes químicos em recuperação, povos indígenas e tradicionais ameaçados pelo agronegócio. Essas e tantas outras pessoas carregam ‘sua cruz’, sem perder a esperança, sem se revoltar. Elas não mostram o tamanho de sua força nos momentos bons, mas sim nos ruins. Elas não provam que são capazes de encarar a vida quando ela está às mil maravilhas, mas quando ela derruba a gente e mesmo assim, dizem: vida!

Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus”.
São verdadeiramente pacíficos os que, no meio de tudo quanto padecem neste mundo,
se conservam em paz, interior e exteriormente,
por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.
(Admoestações, n. 15)



Intenção geral:

- pelas pessoas vazias ou afastadas da oração, para que reencontrem o conforto do Bem-Amado;
- pelo revigoramento da nossa espiritualidade franciscana através de uma vida de oração segundo os moldes de Francisco de Assis.

Leitura franciscana:

Francisco, servo de Cristo, tinha perfeita consciência que seu corpo o forçava a caminhar como peregrino longe do Senhor. Empenhava-se portanto por manter sempre ao menos seu espírito na presença do Senhor por uma oração ininterrupta, para não ficar sem o conforto do Bem-Amado.

A oração era também uma defesa ao se entregar à ação, pois persistindo nela, fugia de confiar em suas próprias capacidades, punha toda a sua confiança na bondade divina, lançando no Senhor os seus cuidados. Sobre todas as coisas, dizia, deve o irmão desejar a graça da oração e incitava os seus irmãos por todas as maneiras possíveis a praticá-la zelosamente, convencido de que ninguém progride no serviço de Deus sem ela. Quer andasse ou parasse, viajando ou residindo no convento, trabalhando ou repousando, entregava-se à oração, de modo que parecia ter consagrado a ela todo seu coração e todo seu corpo, toda sua atividade e todo seu tempo (Legenda Maior X, n. 1).

Seu porto de segurança era a oração, que não era curta, nem vazia ou presumida, mas demorada, cheia de devoção e tranquila na humildade. Se começava tarde, só acabava pela manhã. Andando, sentado, comendo ou bebendo, estava entregue à oração. Gostava de passar a noite rezando sozinho em igrejas abandonadas e construídas em lugares desertos, onde, com a proteção da graça de Deus, venceu muitos temores e muitas angústias (1 Celano, n. 71).

Reflexão:

O santo de Deus, Francisco, já em vida glorificou a Deus de forma extraordinária, e seu sepultamento não significou seu fim, mas uma nova fase de glória que se projetou pelos séculos adentro, tornando-se força para a humanidade. Qual era a fonte de tanta glória? Qual era seu segredo de se tornar um instrumento de paz? Sua vida de oração! Francisco não apenas orava muitas vezes, ele mesmo se tornou oração.

Pois, “como poderia o homem ser justo diante de Deus” (1ª leitura), senão pela oração, através de uma comunhão íntima e constante com o Senhor? Francisco tinha plena consciência daquilo que Jesus ensina no Evangelho: Quem põe a mão no arado e quer segui-lo, precisa cultivar muitos e profundos momentos de oração para não olhar e voltar para trás (cf. Lc 9,57-62).

Hoje, se nós queremos ser – num mundo agitado, conflitivo e passageiro – instrumentos de paz de Cristo, temos que zelar pela nossa vida de oração. Como vai a sua, a nossa? Ela é rotineira, mecânica, vazia e fria de afeto, corrida, superficial, ritualista, obrigatória? Pensamos que orar significa pronunciar muitas palavras? O Bem-Amado deseja que estejamos – todo dia – um tempinho na sua presença, em silêncio, inclinando nosso coração a Ele para escutá-lo e acolhendo as inspirações de Seu Espírito!



Intenção geral:

- pelas pessoas e organizações sociais que têm um coração sem fronteiras;
- para que nós sejamos construtores de encontros que promovem a paz.

Leitura franciscana:

No décimo terceiro ano de sua conversão, foi para a Síria e, apesar dos fortes e duros combates entre cristãos e pagãos, todos os dias, não teve medo de levar um companheiro e de se apresentar ao sultão dos sarracenos. Mas quem vai poder contar toda a sua coragem, a fortaleza com que falou, a eloquência e a confiança com que respondeu aos que insultavam a lei cristã? Preso pelos guardas antes de chegar ao sultão, não se assustou nem quando foi ofendido e açoitado, nem recuou diante de suplícios e não ficou com medo nem da própria morte. Foi maltratado por muitos que eram hostis e adversos, mas o sultão o recebeu muito bem. Reverenciou-o quanto lhe foi possível e lhe ofereceu muitos presentes... Ele ficou muito comovido com suas palavras e o ouviu de muito boa vontade (1 Celano, n. 57).

Reflexão:

A visita de Francisco ao sultão Malik-al-Kamil nos mostra o seu coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião. Ela exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, à distância e às diferenças de língua, cultura e religião. Aquela viagem, em um momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do sultão sem negar a própria identidade. Ele se fez submisso a toda criatura humana por amor de Deus; recomendou aos seus discípulos a evitar toda forma de agressão ou contenda e viver uma “submissão” humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé (cf. *Fratelli Tutti*, n. 3).

Em Francisco renova-se o cumprimento da promessa de Jesus a Natanael: “Coisas maiores que essas verás!” Portanto, não é nada de demais afirmar que o céu está aberto e que os anjos de Deus sobem e descem (cf. Evangelho) quando nos tornamos um irmão, uma irmã universal, como fizeram Jesus e Francisco. Em toda sua vida, o santo de Assis mostrou extraordinária capacidade de descobrir o irmão e, através dele, a face do Cristo, mesmo quando muita casca bruta, como a lepra ou a ferocidade do lobo (de Gúbbio), deformasse as feições humanas. Pois, o plano de Deus é que “todos os povos, nações e línguas” se apresentem e sirvam ao filho do homem (1ª leitura).

O Santo do amor fraterno e o encontro com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb inspiraram o papa Francisco a escrever a Encíclica *Fratelli Tutti* – Sobre a fraternidade e amizade social – para lembrar que Deus “criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos” (FT, n. 2 e 5).

Querendo ser promotores da paz, vamos nos perguntar: Como vivemos na realidade do mundo? Nos refugiamos em mundos privados, numa indiferença egoísta; enfrentamos os conflitos com violência destrutiva? Ou optamos pelo caminho melhor: o diálogo movido por um “coração sem fronteiras”? Um amor que também é civil e político (FT, n. 181). Como eu, minha casa, minha comunidade eclesial, nos relacionamos com os outros, os diferentes: os de outras igrejas ou credos, os migrantes, os LBG+T, os movimentos populares e outros...

*Senhor e Pai da humanidade,
inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
(Fratelli Tutti, Oração ao Criador)*

30/09 – Sexta-feira

A paz como fruto de uma Igreja sinodal



Intenção geral:

- para que a espiritualidade da comunhão, participação e missão marque nosso jeito de ser Igreja caminhando juntos;

Leitura franciscana:

Embora Francisco quisesse que seus filhos estivessem em paz com todos os homens e se apresentassem a todos como pequeninos, ensinou com palavras e comprovou com exemplos que deviam ter a maior humildade diante dos clérigos. Dizia: “Fomos mandados para ajudar os clérigos na salvação das almas, para suprir o que eles tiverem de menos. Cada um vai receber sua recompensa não de acordo com a autoridade mas de acordo com o trabalho. Sabei, irmãos, que o proveito das almas agrada muito a Deus, e que é mais fácil consegui-lo pela paz que pela discórdia com os clérigos. Se eles estiverem servindo de empecilho para a salvação dos povos, a vingança cabe a Deus e ele mesmo há de retribuir-lhes com o tempo. Portanto, sede submissos aos prelados para que, por vossa causa, não surja problema algum. Se fordes filhos da paz, lucrareis para o Senhor o clero e o povo, coisa que o Senhor acha muito mais vantajoso que conquistar o povo escandalizando o clero. Encobri as suas fraquezas, supri as suas muitas falhas e, fazendo isso sede mais humildes ainda” (2 Celano, n. 146).

Reflexão:

Foi ao orar na capela de São Damião que o Crucificado respondeu a Francisco: “Vai, reconstrói a minha igreja que está em ruínas!” Ouvia e fez gradativamente: primeiro, a restauração de algumas capelinhas; logo mais, a renovação espiritual da Igreja-povo. É bom lembrar que no tempo medieval houve muitos pregadores, e de todo tipo, mas Francisco fez a grande diferença, pois agiu por dentro e em comunhão com a Igreja. Iluminado pelo Espírito, sempre teve fé na presença eucarística de Cristo nas Igrejas rezando “Nós adoramos, Santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas Igrejas...”; e ele teve muita fé nos sacerdotes como ministros sagrados por Deus.

Assim, o santo de Assis evangelizou com humildade/minoridade e fraternidade; e ele quis que “seus filhos” fossem também humildes instrumentos da paz de Cristo que fala e age através deles: “Quem vos escuta, a mim escuta; e quem vos rejeita, a mim despreza” (Evangelho). Francisco desejou que seus irmãos fossem mediadores entre o povo e o clero colaborando no objetivo de lucrar, ou atrair a todos para o Senhor Jesus que pacificou tudo (cf. Cl 1,20).

A palavra de Francisco que os irmãos sejam ‘submissos aos prelados’, tem que ser entendida no seu contexto histórico; assim como a palavra do apóstolo Paulo que “as mulheres sejam submissas aos seus maridos” (Ef 5,22), não pode ser entendida ao pé da letra. Nós talvez diríamos “ser respeitoso” ou “ter espírito fraterno e dialogal”.

Como na Idade Média, também hoje a nossa Igreja enfrenta muitos desafios (falta de vocações, escândalos de abuso sexual, saídas), conflitos (polarização política) e questões polêmicas que exigem respostas (papel da mulher; moral sexual). Assim como “o Senhor respondeu a Jó, do meio da tempestade” (1ª leitura), hoje Ele responde a nós através da pessoa do papa Francisco que nos chama: A paz na Igreja é fruto de uma Igreja sinodal, do povo de Deus que caminha junto. Os três elementos são:

- **Comunhão:** a Igreja se alimenta da comunhão eucarística para formar a comunhão de vida; significa ter tudo em comum, como a Igreja primitiva, e falar com confiança e transparência sobre as alegrias e tristezas da vida.

- **Participação:** os membros da Igreja de Cristo formam um corpo místico no qual participam com seus dons, talentos e ministérios; participar quer dizer assumir um compromisso de serviço, ‘abrir a boca’, e não dizer apenas ‘sim Senhor’, ‘Amém’.
- **Missão:** ser uma Igreja em saída que se dirige às periferias existenciais e não uma ‘Igreja de panelinhas’ que espera os outros chegarem; ser uma Igreja que se preocupa com os sinais dos tempos (mudança climática, fé e política, violência e todas as formas de desrespeito à vida).

*A todos que receberam esta carta,
Frei Francisco, o menor dos servos de Deus, envia saudações e
santa paz no Senhor.
(Carta a todos os custódios)*



01/10 – Sábado (Santa Teresinha - início do mês missionário)
A paz é nossa missão

Intenção geral:

- pelo reavivamento do espírito missionário na Igreja;
- pelos cristãos perseguidos e seus perseguidores em vários países do mundo.

Leitura Franciscana:

“Aconselho, admoesto e exorto a meus irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo que, ao irem pelo mundo, não discutam, nem porfiam com palavras, nem façam juízo de outrem, mas sejam mansos, pacíficos, modestos, afáveis e humildes, tratando a todos honestamente, como convém. E não devem andar a cavalo...” (2 Regra, n. 3,10-13).

Reflexão:

Na festa de Santa Teresinha começa o mês em que a nossa Igreja focaliza sua atenção naquilo que é sua razão de ser: a missão! É um tanto estranho que a padroeira das missões e dos missionários/as nunca andou pelo mundo fora para evangelizar; ao contrário, durante o pouco tempo de sua vida “apenas” ficou no Carmelo orando pelos missionários além-fronteiras e mantendo correspondências com eles. Aprendemos de Santa Teresinha que a missão de evangelizar tem faces e maneiras diversas.

Qual era o jeito genuíno do pobre de Assis evangelizar? Francisco teve plena consciência, formada pela sua vida de oração, de que a missão de anunciar a Boa Nova brota de um coração pacífico e tem como objetivo a pacificação dos corações. O *shalom*, a paz de Cristo é a missão! O primeiro passo, então, é o convívio manso e humilde entre o povo, abstenendo-se de rixas e disputas, submetendo-se “a todos os homens por causa do Senhor” (1 Pd 2,13) e jamais resistindo ao malvado, aquele que dá numa face, aquele que rouba o manto, ou aquele que tira o que é da gente (1 Regra, n. 14,4-6). E para que seus irmãos tenham credibilidade como mensageiros da paz, ele exorta-os a não andar de cavalo, pois isso era privilégio dos ricos. O segundo passo é a saudação da paz ao entrar em qualquer casa, pois quem não deseja este dom, quem não fica desarmado ao encontrar testemunhas de paz?!

A paz é nossa missão, hoje mais do que nunca! Que tal retomar, adquirir o jeito franciscano de saudar as pessoas, de entrar em qualquer casa, hospital, comércio, repartição, reunião dizendo: “A paz esteja com vocês!” – E na família, na vizinhança, na comunidade, na escola: onde houver ódio que levemos o amor, onde houver ofensa que levemos o perdão e onde houver discórdia que levemos a união. – Enfim, vamos avançar para o nível mais alto: “Uma verdadeira paz só se pode alcançar quando lutamos pela justiça através do diálogo, buscando a reconciliação e o desenvolvimento mútuo”. Essas palavras citadas da *Fratelli Tutti* (n. 229) sirvam como convite e apelo para bebermos desta fonte espiritual e entender o que é a “fraternidade e amizade social”.

Portanto, quem se tornar um/a missionário/a da paz certamente fará a mesma descoberta como Jó no final de sua difícil trajetória: “Conhecia o Senhor apenas por ouvir falar, mas, agora, eu o vejo com meus olhos” (1ª leitura). E o Senhor nos faz essa promessa: Se formos artesões e artesãs da paz, ficaremos alegres porque nossos nomes já estão escritos no céu (cf. Evangelho).

“Ao entrarem em qualquer casa, digam antes:
Paz a esta casa!”
(2 Regra, n. 3,13)



02/10 – Domingo (eleições)
A paz que brota do louvor à criação

Intenção geral:

- por todos os guardiões e guardiãs da Casa comum – pessoas de boa vontade, de todas as crenças, ONG’s, empresários, políticos, cientistas, movimentos e projetos sociais – que lutam, se engajam, pesquisam pela preservação da criação.

Leitura Franciscana:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a benção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos; e homem alguém é digno de te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão Sol, que clareia o dia e com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante com grande esplendor: De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas,
que no céu formaste claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
pelo ar, ou nublado ou sereno, e todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
que é mui útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo,
pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo e vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas.

(O Cântico do Irmão Sol – em parte)

Reflexão:

Quase moribundo, compôs São Francisco o *Cântico das criaturas*. Até ao fim da vida queria ver o mundo inteiro num estado de exaltação e louvor a Deus. No outono de 1225, enfraquecido pelas estigmas e enfermidade, ele se retirou para São Damião. Quase cego, sozinho numa cabana de palha, em estado febril e atormentado pelos ratos, deixou para a humanidade este canto de amor ao Pai de toda a criação.

Chama atenção que o santo de Assis escreveu o Cântico no século XII e XIII, quando teve conflitos sociais (nobres – pobres), mas nenhum problema ambiental: o ar, a água, a terra estavam limpas, sem nenhuma poluição. O encantamento de Francisco pela beleza da vida é fruto de sua espiritualidade criacional, e vice-versa.

De fato, diante da beleza da vida, o ser humano se sente encantado. Tudo o que é belo tem a força de atrair e suscitar estupor e maravilhamento. Por essa sua força, a beleza é capaz de tocar profundamente e mover o coração das pessoas, envolvendo-as no seu brilho... Ser humano é poder experimentar a beleza de existir, a beleza de crescer como pessoa e como membro de uma comunidade; a beleza de dar e receber; é também poder experimentar a beleza de ser alguém insubstituível aos olhos de um outro ser humano ou aos olhos de Deus... (Texto-base da CF 2022, n. 210-212).

Hoje, 800 anos depois, a situação da criação é bem outra. O grito do profeta Habacuc é nosso grito: “Violência! Porque, Senhor, me fazes ver iniquidades quando tu mesmo vês a maldade? Destruições e prepotência estão à minha frente...” (1ª leitura). Está cientificamente comprovado que a crise ambiental e climática coloca em cheque a sobrevivência e sustentabilidade da vida do planeta Terra.

Diante deste cenário entendemos a importância deste dia histórico, 2 de outubro, em que o povo brasileiro decide não somente sobre quem obter o poder político, mas sobre o sustento de suas vidas e do mundo todo. Seja quem for eleito, a pergunta principal é: acontecerá uma mudança de mentalidade, ou continua este modelo político e econômico que mata, como afirma papa Francisco. Só haverá paz mundial e local se cuidarmos da casa comum. Caso contrário, as mudanças climáticas que se agravam assustadoramente causam sempre mais migração, insegurança alimentar, violência e guerra.

Como cristãos não temos outra opção, pois “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa” (*Laudato sí*, n. 217). “Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer”, essa deve ser nossa resposta humilde ao Senhor no final da vida (Evangelho).

Portanto, cabe a nós as perguntas, se na família, na comunidade eclesial, na escola ou onde for:

- Promovemos a educação e espiritualidade ambiental que transforma nossas atitudes pessoais: as compras; o uso de energia, água e transporte; o cuidado com os resíduos sólidos?
- Poderíamos realizar mutirões de conscientização e de limpeza? Abolir o uso de plásticos descartáveis?
- Apoiamos ações coletivas: a economia solidária, a luta por políticas públicas ambientais, a favor de energia renováveis, contra o gás do Fracking, o agronegócio insustentável, as queimadas e o desmatamento?

*A todos os governantes dos povos no mundo inteiro,
e a todos quantos receberam esta carta,
Frei Francisco, mísero e pequenino servo no Senhor,
desejo saúde e paz.*

(Carta aos governantes dos povos)

03/10 – Segunda-feira (Transito/Morte de São Francisco)

A paz encontrada além da morte

[*Há roteiros com a encenação dinâmica da morte de São Francisco.
Só pedir!*]



Intenção geral:

- por todos nós, para que a morte nos achar conformes à santíssima vontade do Senhor, porque a morte segunda não nos fará mal (cf. Cântico do Irmão Sol).

Leitura franciscana:

Chegada a hora, Francisco mandou chamar para perto de si todos os irmãos então presentes e, com algumas palavras de consolo para amenizar o pesar dos que ficavam, exortou-os de todo coração de pai a amar a Deus. Acrescentou algumas palavras sobre a paciência, a pobreza, a fidelidade à Igreja Romana, recomendando-lhes o santo Evangelho acima de qualquer Constituição.

Enfim, estendeu as mãos sobre todos os irmãos que o cercavam, com os dois braços em cruz, como sempre apreciara esse gesto, e abençoou a todos seus irmãos, ausentes e presentes, em nome do Crucificado e por seu poder. Acrescentou: “Temei ao Senhor, meus filhos, e permaneçei sempre unidos a ele. Virá a tentação, e a tribulação está perto, mas felizes aqueles que perseverarem até ao fim. De minha parte, volto para meu Deus e vos deixo confiados à sua graça”.

Mandou trazer o livro dos Evangelhos e pediu que lessem a passagem de São João que assim começa: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, havendo amado os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou...” (Jo 13,1). E reunindo suas pobres forças, começou a recitar o salmo que principia: “Lanço um grande brado ao Senhor, em alta voz imploro ao Senhor”, até as últimas palavras: “Os justos virão me rodear, quando me fizerdes este benefício” (Sl 141,1-8).

Cumpridos enfim todos os desígnios de Deus em Francisco, sua alma santíssima livrou-se da carne para ser absorvida no abismo da claridade de Deus, e dormiu tranquilamente no Senhor (Legenda Maior XIV, n. 5-6).

Reflexão:

“O sepultamento de Francisco não significou seu fim, mas começou nova fase de glória que se projetou pelos séculos adentro, tornando-se força para a humanidade itinerante. Sua presença não sofreu cessação de continuidade. Realizava o que dizia: bem-aventurado o servo que entesoura no céu os bens que o Senhor lhe concede” (Via Sacra com Francisco XIV).

O Santo de Deus encontrou a paz definitiva além da morte; isto nos dá luz e coragem na caminhada aquém da morte, em vida:

Hoje, nós estamos a caminhar para o sábado da eternidade...para a casa comum do Céu. A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados. Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança. Deus, que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-Lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama (cf. *Laudato sí*, n. 243-245). Bem-aventurados os que promovem a paz!

O Transito do santo de Deus nos dá também luz e coragem para a hora da nossa morte:

Do relato de São Boaventura podemos tirar valiosas lições: Se for possível, é bom chamar a todos – familiares, amigos, comunidade – para tornar célebre o momento da despedida (quantos idosos ou doentes morrem de forma anônima no hospital?!). É bom ler passagens preciosas, queridas da Palavra de Deus. Enfim, não pode faltar o perdão e a bênção dada e recebida mutuamente.

*O Senhor te abençoe e te proteja.
Mostre-te a sua face e se compadeça de ti.
Volva a ti o seu rosto e te dê a paz.”
(Benção a Frei Leão)*

**Abençoada festa de São Francisco!
PAZ E BEM**